

O FILOSOFAR COMO CONDIÇÃO PARA UMA VIDA MAIS AUTÊNTICA: PRODUZINDO SIGNIFICADOS

PHILOSOPHIZING AS A CONDITION FOR A MORE AUTHENTIC LIFE: PRODUCING MEANINGS

Marindia Luci Schumacher

Estudante do Curso de Bacharelado em Ontopsicologia (Faculdade Antonio Meneghetti)

1 O filosofar como condição para uma vida mais autêntica

Ao longo dos estudos, na Especialização em Pedagogia Ontopsicológica e agora no Bacharelado em Ontopsicologia na AMF, fui compreendendo que filosofar não é apenas conhecer autores, conceitos ou períodos históricos. Filosofar é assumir uma postura interior diante da vida. É sair do automatismo, interromper a pressa e perguntar com seriedade quem sou, por que ajo como ajo e se a vida que levo corresponde, de fato, à minha verdade. Nos conteúdos estudados, a filosofia aparece como um refinamento do modo de perguntar, e essa definição me parece extremamente precisa, porque revela que a autenticidade não começa nas respostas prontas, mas na coragem de fazer as perguntas certas.

Essa compreensão se torna mais profunda quando se observa que o filosofar nasce da admiração. Nos materiais, Sócrates afirma que a admiração é a verdadeira característica do filósofo, e Aristóteles mostra que os homens começaram a filosofar porque, diante da rea-

lidade, reconheceram a própria perplexidade e perceberam que não sabiam. Essa origem é muito significativa, a filosofia não nasce da vaidade intelectual, mas da humildade, do reconhecimento do não saber. Ela começa quando o ser humano deixa de tratar tudo como óbvio e se permite olhar o real com espanto, atenção e abertura. Uma vida inautêntica costuma ser vivida na repetição, no costume e na pressa. Já uma vida autêntica começa quando a pessoa se detém, contempla e se dispõe a buscar sentido. E foi assim que iniciei uma outra caminhada, ao contrário do que estava vivendo, comecei a desacelerar, fazer as atividades diárias com presença, com calma, podendo observar e contemplar o momento e tudo que nele está. Foi e é incrível essa mudança, percebo coisas e situações que estavam presentes e que eu não via e nem percebia, até mesmo o cantar dos pássaros agora consigo apreciar durante o dia. Consigo me fazer perguntas sobre eu mesma, que antes não fazia e compreendo o que é e, o que faz sentido para a minha vida.

Foi justamente isso que comecei a perceber em uma das minhas experiências nesta facul-

dade. Depois de uma aula, saí com a sensação de que estava carregando ideias de sucesso, de valor que, na verdade, não tinham nascido de uma reflexão e vontade minha, mas de expectativas externas. Lembro de ficar em silêncio por alguns minutos, com um incômodo difícil de explicar, como se algo em mim tivesse sido retirado do lugar comum. Naquele momento, entendi que filosofar não era apenas estudar um conteúdo, mas permitir que esse conteúdo me interrogasse. Percebi que eu precisava rever não somente o que pensava, mas também de onde vinham certos pensamentos que eu repetia como se fossem meus. Essa vivência me marcou porque mostrou que a autenticidade exige mais do que opinião, exige verdade interior e assim consegui mudar essa visão do que é o sucesso para mim. Posso dizer que a partir dessa reflexão e dessa mudança me sinto leve e tranquila.

Nesse sentido, a filosofia estudada na AMF e o contato com a Ontopsicologia me ajudaram a perceber que muitas vezes acreditamos estar escolhendo livremente, quando, na realidade, apenas seguimos modelos já prontos. Vive-se de acordo com expectativas sociais, com o medo de decepcionar, com o desejo de corresponder ou com uma imagem construída de si mesmo. Filosofar rompe esse movimento automático. Ele suspende o que parecia evidente e faz com que as coisas revelem um aspecto mais profundo. Aquilo que antes parecia definitivo começa a ser examinado com mais lucidez. Por isso, a filosofia não afasta da vida concreta, ao contrário, ela aproxima da vida real, porque ajuda a distinguir o que é aparência do que é fundamento, critério de vida.

A passagem do mito ao logos, estudada na filosofia grega, também ilumina muito essa ques-

tão. O mito apresenta uma narrativa já pronta, o logos procura demonstrar, compreender, buscar a verdade. Além disso, os materiais mostram o logos como sentido, como aquilo que permite ao homem colher o significado do real, percebendo a relação entre o cosmos e o intelecto humano. Quando aplico isso à existência, entendo que viver autenticamente exige deixar de apenas aceitar narrativas prontas sobre felicidade, realização e identidade, para começar a procurar, por mim mesmo, o sentido das coisas. A pessoa autêntica não vive apenas do que ouviu ou herdou, ela busca compreender.

Os pré-socráticos reforçam essa visão ao procurarem a *physis* e a *arché*, isto é, o princípio natural e o fundamento originário da realidade. Eles não se contentaram com explicações superficiais, quiseram chegar à causa, ao princípio, àquilo que sustenta tudo. Essa busca tem grande valor para a vida humana, porque também nós somos frequentemente convidados a ir além dos efeitos e perguntar pelas raízes. Muitas vezes o ser humano sente angústia, cansaço, insegurança ou confusão, mas permanece administrando apenas a aparência desses estados, sem investigar o que os sustenta. Filosofar, então, é ter coragem de perguntar pela origem, de onde vem esse modo de agir, por que repito certos hábitos, que verdade sustenta minhas escolhas. A autenticidade nasce quando a pessoa aceita esse trabalho de profundidade e se coloca disponível para descobrir-se.

Outra experiência que me marcou aconteceu em um período de muitas cobranças, compromissos e exigências. Em meio à rotina, percebi que estava fazendo várias coisas no modo automático, tentando dar conta de tudo, mas já sem presença interior. Por fora eu seguia cum-

prindo tarefas, por dentro, porém, havia uma sensação de afastamento de mim mesmo, um cansaço e uma vontade de fugir de tudo. Foi nesse momento que aquilo que vinha estudando ganhou um peso real. Em vez de continuar apenas funcionando, precisei parar e me perguntar se aquele ritmo, aquelas escolhas e aquela forma de conduzir meus dias correspondiam ao que eu reconhecia como verdadeiro. A resposta não veio de imediato, mas esse exame mudou meu modo de agir, comecei a reorganizar prioridades, a dizer não ao que me dispersava, a ter momentos de silêncio e presença, e a recuperar mais coerência no que realmente sou e quero para mim. Essa vivência me ensinou que autenticidade não é fazer tudo, nem agradar a todos, é viver de modo alinhado com aquilo que tem sentido para mim.

A filosofia grega também apresenta o cosmos como totalidade ordenada, marcada por ordem, medida e harmonia. Essa ideia me faz pensar que a vida humana, para ser autêntica, também precisa de unidade. Quando a pessoa pensa uma coisa, diz outra e faz outra, perde-se a coerência interior. Filosofar ajuda justamente a reunir o que está disperso, porque educa o olhar, exige discernimento e convida à responsabilidade. A vida autêntica não é uma vida perfeita, mas uma vida cada vez mais integrada, na qual pensamento, palavra e ação tendem a se aproximar.

Esse tema também pode ser compreendido segundo a visão de Heráclito e Parmênides. Heráclito mostra que a realidade é marcada pelo movimento, pelo contraste e pela mudança, Parmênides, por sua vez, chama a atenção para o ser, a identidade, aquilo que permanece. Na vida concreta, essas duas perspectivas me

parecem complementares. Ser autêntico não significa ficar preso a uma versão antiga de si, nem mudar constantemente sem direção. Exige amadurecimento e transformação, mas também fidelidade ao que é essencial. Em outras palavras, é preciso mudar o que é falso sem abandonar aquilo que é verdadeiro. Filosofar me parece ser esse exercício delicado de distinguir, no meio das mudanças da vida, o que é apenas aparência e o que realmente sustenta a identidade.

Por isso, entendo que o filosofar é condição para uma vida mais autêntica porque ele não permite que o ser humano permaneça adormecido em si mesmo. Ele desperta a admiração, aprofunda a dúvida, conduz da opinião comum à busca da verdade e faz com que a existência deixe de ser mera repetição. Na minha experiência, os estudos na AMF que me oportunizaram o contato com a Ontopsicologia, mostraram que pensar não é fugir da realidade, mas entrar nela com mais lucidez, responsabilidade e profundidade. Filosofar, afinal, é recusar uma vida apenas aparente e escolher uma existência examinada, consciente e verdadeira. E penso que é justamente aí que começa a autenticidade, quando a pessoa deixa de viver apenas como esperam dela e passa, com humildade e coragem, a viver segundo a verdade que reconhece em si.